

TEMPO PASSADO: CULTURA DA MEMÓRIA E GUINADA SUBJETIVA

SARLO, Beatriz. Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva. Tradução Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

Leandro Belinaso Guimarães
Dr. em Educação, Prof. do Programa de Pós-Graduação
em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina
E-mail: lebelinaso@uol.com.br

O acelerado tempo presente coincide com as operações da memória que buscam, talvez paradoxalmente, atualizações de um tempo passado que cada vez parece ser mais remoto. “A aceleração produz, exatamente, um vazio de passado que as operações da memória tentam compensar” (SARLO, 2005, p. 96). O tempo presente, sobretudo a última década do século XX, viu emergir na América Latina uma cultura da memória, sobretudo instituída através de narrativas subjetivas e testemunhais. Através delas, o trágico de uma época, como, por exemplo, a ditadura militar argentina (1976-1983), pôde ser minimamente recomposto pelos próprios sujeitos atuantes em tempos sombrios que mereceriam ser lembrados e narrados em toda sua gramatura. Essa cultura da memória que transforma o testemunho em um “ícone de Verdade ou no recurso mais importante para a reconstituição do passado” (SARLO, 2007, p. 19) é o foco de análise do mais recente livro da ensaísta argentina Beatriz Sarlo: “Tempo passado - cultura da memória e guinada subjetiva”, lançado recentemente no Brasil pelas editoras Companhia das Letras e Universidade Federal de Minas Gerais, com tradução de Rosa Freire d'Aguiar. Beatriz Sarlo propõe-se a examinar as motivações que fizeram com que o testemunho gozasse, no tempo presente, de uma confiança ímpar nas operações de reconstituição de um tempo passado.

Essa não é a primeira vez que a autora se dedicou ao tema. Em um livro anterior, lançado no Brasil em 2005 com o título de “Tempo presente - notas sobre a mudança de uma cultura”, Sarlo abordou a temática da memória em alguns dos ensaios inseridos naquela coletânea. Em um deles, argumentou que a sensação de verdade que goza o testemunho é provocada pelos detalhes que são amontoados e repetidos pela narrativa. E sentenciou ironicamente: “Quando alguém se lembra com tantos detalhes das coisas menores, ficamos certos de que os fatos maiores estão sendo reproduzidos com exatidão diante dos nossos olhos” (SARLO, 2005, p. 152). Nessa breve citação, já podemos ver em operação uma analista cultural interessada em compreender os modos, as estratégias, os mecanismos que estão em jogo na promoção de uma articulação, que se pretende imanente e necessária, entre testemunho e verdade. Colocar em xeque

essa necessidade e essa naturalidade articulatória será a pretensão da autora no seu último Livro.

Em uma recente entrevista ao jornal “O Estado de S. Paulo”, Beatriz Sarlo pondera a necessidade jurídica do testemunho como último recurso na comprovação dos terríveis crimes cometidos na época da ditadura militar argentina, bem como para uma reconstrução histórica do período, já que documentos (e vidas) foram destruídos. Entretanto, adverte que o testemunho não poderia ser visto como a única e a mais privilegiada fonte para a reconstrução de um período histórico. Nas palavras da pesquisadora:

Os protagonistas do passado nem sempre são os que falam, pois muitas vezes estão mortos ou preferem não falar. Portanto, digo, para reconstruir os anos 1960 e 1970, temos de recorrer a documentos escritos, às polêmicas registradas em jornais revolucionários e aos panfletos distribuídos em portas de fábricas e universidades. (SARLO, 2007, p.2).

Na página na Rede do movimento argentino “Nunca más” (www.nuncamas.org), podemos transitar por mais de 1000 testemunhos que fornecem substrato histórico a uma época que se desejaria continuar lembrando intensamente para que nunca mais possa vir a ocorrer novamente. O nome do movimento inspira-se, possivelmente, no documento, conhecido como “Informe Sabato”, intitulado “Nunca Más. Informe de La Comisión Nacional sobre la desaparición de personas”. Ele foi publicado em 1984 em decorrência dos trabalhos realizados por uma Comissão presidida por Ernesto Sabato (renomado escritor argentino), que investigou e revelou casos de torturas, desaparecimentos e execuções na época da ditadura militar argentina. Através de uma visita a esse sítio na Rede, podemos perceber a força que adquire o testemunho como fonte e como verdade histórica.

Na América Latina, o testemunho como voz subalterna e, ao mesmo tempo, fonte narrativa de reconstituição histórica, tem sido foco, pelo menos desde os anos 1990, de alguns estudos sociais e culturais. Um Livro organizado por John Beverley e Hugo Achugar (2002) pode ser considerado um marco desses estudos. Editado pela primeira vez em 1992, os autores recolhem um conjunto interessante de trabalhos que analisam o testemunho sob vários prismas: seu poder interpretativo, seus efeitos, suas especificidades, suas representações. No prólogo à segunda edição, de 2002, os autores sintetizam suas posições (que parecem ser as mesmas que os moveu desde o primeiro lançamento do livro) argumentando que a autoridade do testemunho deriva do fato de o narrador ser alguém que presenciou e experimentou na própria pele, ou

indiretamente, os acontecimentos que narra. Buscando desconstruir essa suposta credibilidade e “verdade” dada ao testemunho, Beatriz Sarlo escreveu “Tempo Passado - cultura da memória e guinada subjetiva”

Na obra em questão, a autora persegue a pergunta sobre o que garantiria à memória e à primeira pessoa a captação por excelência de um sentido da experiência. Em seus argumentos críticos sobre o testemunho como ícone da verdade, Sarlo vai marcando um conjunto amplo de aspectos. Um deles seria relativo à inevitabilidade do presente no ato de narrar o passado. Nessa direção, o presente colonizaria o passado, organizando-o sob suas concepções e emoções. Assim, um olhar ao passado não poderia pressupor-se livre do presente. Um segundo aspecto diz respeito ao caráter interpretável de qualquer relato da experiência. Esta, por si só, não produziria conhecimento. Mais do que um simples testemunho, dever-se-iam buscar conhecimentos pautados explicitamente em interpretações, pois, como diz Sarlo (2007) sobre o Livro “La Bemba” de Emilio de Ípola, “a teoria ilumina a experiência [...]. [E esta] se mede pela teoria que pode explicá-la; a experiência não é rememorada, mas analisada” (p. 79). E sobre outro livro, de Pilar Calveiro, chamado “Poder y desaparición: los campos de concentración em Argentina”, a autora escreve:

O que Calveiro faz com sua experiência é original com respeito ao espaço testemunhal. Ela afirma que a vítima pensa, até mesmo quando está à beira da loucura. Afirma que a vítima deixa de ser vítima porque pensa. Renuncia à dimensão autobiográfica porque quer escrever e entender em termos mais amplos que os da experiência sofrida. (SARLO, 2007, p. 88)

O livro de Sarlo chega ao Brasil no momento em que é lançado, sob patrocínio do governo brasileiro, o livro chamado “Direito à Memória e à Verdade” - obra que reconhece o desaparecimento de presos políticos na ditadura militar brasileira (1964-1985). Como salienta Carlos Heitor Cony (2007), este é um passo interessante no reconhecimento das mortes, das torturas, das violências de um período. Porém, espera-se, nas palavras do articulista, “que o próximo passo seja a abertura dos arquivos militares e policiais daquele período”. Tal busca por uma reconstrução histórica pautada em análises e interpretações de documentos e arquivos guardados nos porões das instituições militares brasileiras seria defendida, talvez enfaticamente, por Beatriz Sarlo. E, quem sabe, a ensaísta argentina também concordasse com uma observação importante do jornalista argentino Jorge Lanata (2007) que, em entrevista ao jornal “O estado de S. Paulo”, sugere que as histórias das ditaduras na América Latina também deveriam ser contadas pelos que não estiveram ali.

Referências

BEVERLEY, John; ACHUGAR, Hugo. La voz del otro: testimonio, subalternidad y verdad narrativa. Ciudad de Guatemala: Universidad Rafael Landívar, 2002.

CONY, Carlos Heitor. O direito à verdade. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 04 set. 2007. Caderno Opinião.

LANATA, Jorge. Nós e os generais. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 02 set. 2007. Caderno Aliás.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG 2007.

_____. O terror e a memória num beco sem saída. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 01 abr. 2007. Caderno Cultura.

_____. **Tempo presente**: notas sobre a mudança de uma cultura. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.